

CISION®

PRESS BOOK

Fidelidade Arte recebe exposição de Ângelo de Sousa

CISION®

Revista de Imprensa

1. Fidelidade Arte recebe exposição de Ângelo de Sousa, CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online, 07/12/2021 1
2. INAUGURA HOJE 'ÁRVORES', DE ÂNGELO DE SOUSA, ÚLTIMA EXPOSIÇÃO DO PROJETO 'REAÇÃO EM CADEIA', ArteCapital.art Online, 09/12/2021 3
3. Domínio Público, RTP Online, 18/12/2021 5
4. O regresso de "O Balcão" ao TNSJ e a nova faceta de Sérgio Godinho... em livro, Renascença Online, 07/01/2022 6

Fidelidade Arte recebe exposição de Ângelo de Sousa

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 07/12/2021

Melo: CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online

URL: <https://www.e-cultura.pt/evento/23894>

Com curadoria de Bruno Marchand, "Árvores" é a última exposição do projeto Reação em Cadeia.

10 Dez a 4 Mar

Fidelidade Arte Largo do Chiado, 8 1249-125 Lisboa

Preço

Entrada livre

A Fidelidade Arte e a Culturgest inauguram no próximo dia 9 de dezembro, pelas 22h, a exposição "Árvores" do artista Ângelo de Sousa. A exposição, a título póstumo, é o nono e último momento do ciclo Reação em Cadeia, conta com a curadoria de Bruno Marchand, e vai estar patente ao público até 4 de março de 2020 no Espaço Fidelidade Arte, em Lisboa, com entrada gratuita.

Ângelo de Sousa começou a desenhar figuras que se assemelhavam a árvores em 1958. Fê-lo toda a vida, de forma mais ou menos constante, mais ou menos intensa. Chamava-lhes árvores - não como quem dá um nome, mas como quem põe uma alcunha.

Ao invés de buscar o reduto arquetípico de uma árvore - a sua essência, o denominador comum a todas as árvores - o que parece ter interessado ao artista foi precisamente o contrário: explorar as margens do território formal daquilo que pode ser uma árvore: testar os limites dessa relação entre ela e um conjunto de formas que a "fazem lembrar", perceber quão longe poderia ir sem perder esse elo invisível entre um registo e uma ideia.

O que faz de um nome uma alcunha é o seu carácter metonímico, a capacidade que ela tem de sugerir que uma parte da coisa pode servir para significar a coisa toda. Trata-se, portanto, de uma estratégia de redução, e a redução foi algo pelo qual Ângelo de Sousa pugnou durante todo o seu percurso. Como o próprio tão contundentemente afirmou, interessava-lhe "o máximo de efeitos com o mínimo de recursos, o máximo de eficácia com o mínimo de esforço, e o máximo de presença com o mínimo de gritos".

Os desenhos que se apresentam nesta exposição do ciclo Reação em Cadeia são testemunho do encontro entre estes dois impulsos, metonímico e minimal. Do impulso minimal chegam-nos a tendência para a economia de meios e para a objetividade representativa - para o desenho se cingir à apresentação de um corpo uno, isolado, livre de adornos ou de articulações com outros elementos. Do impulso metonímico ficam as inúmeras aproximações ao que uma "árvore" pode ser, todas as variações de uma série que se desenvolve como uma força centrífuga ao invés de centrípeta.

As obras selecionadas permitem acompanhar o movimento que Ângelo de Sousa descreveu entre as árvores do final dos anos 1950 - virtuosas representações desse elemento vegetal, algumas delas bastante detalhadas - e as "árvores" da viragem do século - massas grumosas, como raízes nodulares ou como tubérculos que se verticalizam na altura da página A5, modelados de forma irreal pela ponta angulosa de uma caneta flomaster. Pelo meio, um ror de declinações, variações e alternativas que,

juntas, prefiguram o grande mapa da potência da "árvore" aos olhos do artista.

A exposição "Árvores" é o nono e último momento do ciclo Reação em Cadeia, uma colaboração entre a Fidelidade Arte e a Culturgest, que propôs aos artistas participantes a escolha do artista sucessor. Com curadoria de Delfim Sardo (2019-2020) e Bruno Marchand (2020-2022), o ciclo implicou uma adequação dos projetos expositivos às características da Fidelidade Arte, em Lisboa, e posteriormente na Culturgest Porto.

Por cada ano do ciclo é publicado um livro com extensa documentação dos três projetos apresentados, encontrando-se atualmente disponíveis os dois primeiros volumes.

O ciclo iniciou-se em 2019 com um programa que, cumprindo com esta lógica de sucessão, contou com a participação dos seguintes artistas:

#1 Ângela Ferreira (Moçambique, 1958)

#2 Jimmie Durham (EUA, 1940)

#3 Elisa Strinna (Itália, 1982)

2020

#4 Evan Roth (EUA, 1978)

#5 Alicia Kopf (Espanha, 1982)

#6 Las Palmas (Portugal)

2021

#7 Rodrigo Hernández (México, 1983)

#8 Silvia Bächli (Suíça, 1956)

#9 Ângelo de Sousa (Moçambique, 1938 - Portugal, 2011)

Tweet

INAUGURA HOJE 'ÁRVORES', DE ÂNGELO DE SOUSA, ÚLTIMA EXPOSIÇÃO DO PROJETO 'REAÇÃO EM CADEIA'

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/12/2021

Meio: ArteCapital.art Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=19d9ca0f>

INAUGURA HOJE 'ÁRVORES', DE ÂNGELO DE SOUSA, ÚLTIMA EXPOSIÇÃO DO PROJETO 'REAÇÃO EM CADEIA'

2021-12-09

A Fidelidade Arte e a Culturgest inauguram no dia 9 de dezembro, pelas 22h, a exposição "Árvores" do artista Ângelo de Sousa. A exposição, a título póstumo, é o nono e último momento do ciclo Reação em Cadeia, conta com a curadoria de Bruno Marchand, e vai estar patente ao público até 4 de março de 2020 no Espaço Fidelidade Arte, em Lisboa, com entrada gratuita.

Ângelo de Sousa começou a desenhar figuras que se assemelhavam a árvores em 1958. Fê-lo toda a vida, de forma mais ou menos constante, mais ou menos intensa. Chamava-lhes árvores - não como quem dá um nome, mas como quem põe uma alcunha.

Ao invés de buscar o reduto arquetípico de uma árvore - a sua essência, o denominador comum a todas as árvores - o que parece ter interessado ao artista foi precisamente o contrário: explorar as margens do território formal daquilo que pode ser uma árvore: testar os limites dessa relação entre ela e um conjunto de formas que a "fazem lembrar", perceber quão longe poderia ir sem perder esse elo invisível entre um registo e uma ideia.

O que faz de um nome uma alcunha é o seu caráter metonímico, a capacidade que ela tem de sugerir que uma parte da coisa pode servir para significar a coisa toda. Trata-se, portanto, de uma estratégia de redução, e a redução foi algo pelo qual Ângelo de Sousa pugnou durante todo o seu percurso. Como o próprio tão contundentemente afirmou, interessava-lhe "o máximo de efeitos com o mínimo de recursos, o máximo de eficácia com o mínimo de esforço, e o máximo de presença com o mínimo de gritos".

Os desenhos que se apresentam nesta exposição do ciclo Reação em Cadeia são testemunho do encontro entre estes dois impulsos, metonímico e minimal. Do impulso minimal chegam-nos a tendência para a economia de meios e para a objetividade representativa - para o desenho se cingir à apresentação de um corpo uno, isolado, livre de adornos ou de articulações com outros elementos. Do impulso metonímico ficam as inúmeras aproximações ao que uma "árvore" pode ser, todas as variações de uma série que se desenvolve como uma força centrífuga ao invés de centrípeta.

As obras seleccionadas permitem acompanhar o movimento que Ângelo de Sousa descreveu entre as árvores do final dos anos 1950 - virtuosas representações desse elemento vegetal, algumas delas bastante detalhadas - e as "árvores" da viragem do século - massas grumosas, como raízes nodulares ou como tubérculos que se verticalizam na altura da página A5, modelados de forma irreal pela ponta angulosa de uma caneta flomaster. Pelo meio, um ror de declinações, variações e alternativas que, juntas, prefiguram o grande mapa da potência da "árvore" aos olhos do artista.

A exposição "Árvores" é o nono e último momento do ciclo Reação em Cadeia, uma colaboração entre

a Fidelidade Arte e a Culturgest, que propôs aos artistas participantes a escolha do artista sucessor. Com curadoria de Delfim Sardo (2019-2020) e Bruno Marchand (2020-2022), o ciclo implicou uma adequação dos projetos expositivos às características da Fidelidade Arte, em Lisboa, e posteriormente na Culturgest Porto.

Por cada ano do ciclo é publicado um livro com extensa documentação dos três projetos apresentados, encontrando-se atualmente disponíveis os dois primeiros volumes.

O ciclo iniciou-se em 2019 com um programa que, cumprindo com esta lógica de sucessão, contou com a participação dos seguintes artistas:

#1 Ângela Ferreira (Moçambique, 1958)

#2 Jimmie Durham (EUA, 1940)

#3 Elisa Strinna (Itália, 1982)

2020

#4 Evan Roth (EUA, 1978)

#5 Alicia Kopf (Espanha, 1982)

#6 Las Palmas (Portugal)

2021

#7 Rodrigo Hernández (México, 1983)

#8 Silvia Bächli (Suíça, 1956)

#9 Ângelo de Sousa (Moçambique, 1938 - Portugal, 2011)

FONTE: e-cultura

Domínio Público

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 18/12/2021

Melo: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=44bca958>

Um coração Normal; Hidden Track; 5ª Punkada; O Dia Mais Curto |18 Dez. 2021

Ciclo de Teatro "Um Coração Normal"; exposição "Hidden Track"; O Dia Mais Curto celebrado pelo país; 5ª Punkada estreiam-se em disco; novas músicas de Big Thief, Noiserv, ou FKA Twigs; colectânea "Covers de Bruxelas"

O regresso de "O Balcão" ao TNSJ e a nova faceta de Sérgio Godinho... em livro

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	07/01/2022
Melo:	Renascença Online	Autores:	Maria João Costa

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e65eeb9b>

Sérgio Godinho tem um livro de poemas e fotografia, neste primeiro Ensaio Geral de 2022, descobrimos esta faceta artística do músico. Mais à frente uma exposição a título póstumo do artista Ângelo de Sousa com desenhos inéditos, a peça de Jean Genet "O Balcão" que vai subir ao palco do Teatro Nacional de São João, as sugestões de Guilherme d'Oliveira Martins e uma banda, os Deltas que nasceu no Brasil, mas fez em Portugal o seu segundo disco.

Maria João Costa